

UMA ENTRADA DEFINITIVA

Marta Isaacsson

Era
com frio
na barriga
que
entrávamos
nas aulas de
“Oficina
de
Teatro”

A idéia de coletar depoimentos de ex-alunos e professores e fotos de montagem, nasceu em março de 1997, quando respondíamos pela Chefia do Departamento de Arte Dramática. Entrávamos o ano em ritmo antecipado de comemoração, pela passagem, em 31 de dezembro, dos 40 anos da instituição do Curso de Arte Dramática na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Divulgávamos então nossa atividade sob a bandeira dos 40 anos, mas quando indagados sobre a história dessa Escola, muito pouca era a documentação a qual podíamos referenciar. Onde haviam então ido parar esses 40 anos? Como um espetáculo de teatro, arte efêmera, o resgate da história só nos pareceu possível de se fazer na memória daqueles que por aqui passaram na condição de alunos e/ou professores. Assim, depois de um exaustivo processo de coleta de nomes e endereços, recebemos a gentil contribuição de alguns de nossos destinatários, a quem expressei meus sinceros agradecimentos.

A natureza pessoal e mais, a qualidade afetiva que pode ser identificada nos relatos aqui apresentados, testemunham o caráter apaixonado com que nos ligamos ao Teatro e, por conseqüência, a essa Escola. Uma ligação apaixonada que tem seus prós e contra, pois nos faz viver momentos de grandes alegrias ao mesmo tempo fortes tempestades de crise.

O meu material mnemônico não difere muito dos demais. O fascínio misturado a uma grande parcela de fantasia, me fizeram hesitar em entrar no prédio da Av. Salgado Filho, 340, na manhã de minha primeira aula no DAD em 1980. Vendo por trás do barroco portão de ferro um grande número de alunos sentados nas escadarias, alguns dos quais já vira inclusive sobre o palco, constrangida, preferi caminhar até a esquina, buscando coragem para entrar. Hoje interpreto minha hesitação como manifestação inconsciente: minha entrada seria definitiva e sem saída. Aquela seria a escola onde deveria ter minha iniciação ao fazer teatral, mas também, com a qual selaria meu projeto de vida.

Abrem-se as cortinas do pequeno teatro do DAD, da porta aberta ao fundo do palco, ouve-se um aluno calouro chegar, procurando localizar sua sala de aula. Mas não nos enganemos, é apenas teatro. O espetáculo teve início e a história de nossa geração começa a ser relatada pelo aluno-diretor Júlio Conte em *Não Pensa Muito Que Dói*, espetáculo de conclusão de curso. A dor ali denunciada se tornou no entanto hoje, com o passar de quinze anos, na dor nascida da lembrança saudosa daquele tempo.

O deslumbramento se mesclava à indignação juvenil durante os cinco anos que passei no DAD enquanto estudante. O entusiasmo nasce imediatamente no coração do calouro dadiano, fertilizado pela natureza mesma das aulas. Oriundo de um segundo grau, numa proposta de ensino ainda eminentemente “positivista”, o recém-chegado encontra na sala de aula de disciplinas como Improvisação, Interpretação, Expressão Corporal, entre outras, o espaço almejado para sua presença enquanto agente do conhecimento, expressando sua energia corporal e criativa.

À época de meu ingresso, haviam sido sustadas as provas específicas e no seu lugar implantado uma disciplina básica no currículo tida como seletiva e definitiva para o prosseguimento no curso.

Era com frio na barriga que entrávamos nas aulas de "Oficina de Teatro". Temor maior advinha do fato de termos como professora Maria Helena Lopes, recém chegada da França onde havia realizado estudos sobre o método de Jacques Le Coq. É preciso lembrar que, diferentemente de hoje, o nosso contato com o resto do planeta era muito restrito e todos aqueles que conseguiam cruzar os muros de um país ainda sob regime militar, carregavam uma áurea mística, a seu favor e também contra. Venci com orgulho "Oficina de Teatro" e aprendi para sempre com a Lena o valor da "verdadeira" ação física sobre o palco. Anos mais tarde, tive a incumbência de assumir uma disciplina da Lena na qualidade de Professora Substituta, título ingrato pois papel impossível a representar.

Era um momento de esperanças, bastante diferente de hoje, apesar da grave situação política do país. Talvez porque o inimigo de ontem era concreto e se apresentava como tal, enquanto hoje ele dissimula, atrás de discursos neo-liberais, ações perversas para a cultura deste país. Nutrido de esperança, o corpo docente investia em massa em qualificação, saindo muitos professores em estudos para os Estados Unidos. Lá se foram Luiz Paulo Vasconcellos, Sandra Dani, Graça Nunes, Irene Brietzke e Luiz Arthur Nunes. Isto acarretava graves problemas à nossa vida escolar, pois muitas vezes disciplinas não puderam ser oferecidas. Mas tínhamos uma certa (não sei se correta!) complacência com o fato, afinal tínhamos uma reverência com nossos professores na medida em que depositávamos sobre eles toda possibilidade de conhecer o fazer teatral em um sentido mais amplo e profundo. Em tempos de "Internet" esta reverência parece ter acabado.

Se por um lado éramos complacentes com a ausência temporária de determinados professores, por outro lado, brigávamos muito feio por outras questões. Assim, conseguimos fechar a Sala de Expressão Corporal e o Guarda-Roupa exigindo um saneamento daqueles espaços então infestados por sarna; denunciar no jornal e trazer ao DAD representantes da Câmara dos Vereadores para verem que a laje acima da platéia de nosso teatro estava desabando; expulsar o porteiro que havia saído de corrente atrás de um aluno... Nossas ações não eram contra o Departamento, primeiro, porque tínhamos consciência de que nosso inimigo maior não estava ali, depois, porque trocávamos com nossos professores uma cumplicidade muito grande, nutrida diariamente em longos "bate papos" na lancheria do Chinês. Na verdade, o Chinês era parte definitiva da vida acadêmica, que ao invés de vender rolinho primavera, nos fazia penetrar na culinária árabe com suas esfíhas e kibes. Ali se faziam os "temas" para as aulas do Sérgio Silva e do Ivo Bender, ferrenhas críticas aos espetáculos em cartaz, os contatos de elenco para as montagens, as amizades e inimizades, os namoros, as fofocas. Foi ali inclusive que revelei aos meus colegas que havia me casado. O Chinês nos unia, até mesmo pela sua antipática norma de que quem bebesse só um café em martelinho não podia sentar às mesas. Na verdade, a norma tinha razão mercantil justa: consumíamos um martelinho e ficávamos uma tarde inteira sentados a aprofundar nossos conhecimentos teatrais e a adquirir um terrível cheiro de fritura de pastel (um pastel imenso, quadrado com meio ovo cozido!). Inúmeras vezes os professores tinham de mandar um aluno ao Chinês chamar os colegas para ter *quórum* em aula. Por isto tudo, apesar da barata morta dentro do sanduíche da minha então e sempre colega Vera Bertoni, ousou mesmo dizer que uma das grandes faltas que faz hoje à escola é o nosso Chinês.

Em um clima fortemente politizado, os alunos montavam muito texto de Plínio Marcos e Bertold Brecht. Um ano depois de meu ingresso no curso, fui convidada pelo professor Roberto Ruas a participar da montagem de *A Mulher Sem Pecado*, de Néelson Rodrigues. Essa

... tínhamos
consciência
de que
nosso
inimigo maior
não estava
ali...

... descobri
o que
mais me
fascina
no teatro,
o processo
criador
do
ator...

montagem fazia parte do projeto *Teatro Experimental*, coordenado por Lygia Vianna Barbosa e Roberto Ruas, cujo propósito era a realização de dois espetáculos anuais, visando resgatar a tradição de montagens do DAD, o que não vinha mais ocorrendo desde 1979. Minha estréia no palco do Teatro do DAD se daria então no papel de Dona Aninha, sentada o espetáculo inteiro em uma cadeira no canto do palco a enrolar um paninho, fazendo contraponto com a agitação da cadeira de rodas do Paulinho Conte no papel de Olegário. Uma vez por noite, tinha a café lambuzada por uma meleca preparada por Clarice Castilhos, que no papel da Inézia, tentava sem êxito dar de comer a Dona Aninha. Depois de grandes laboratórios sobre o comportamento de uma pessoa catatônica, conduzido pelo assistente de direção Antônio Gilberto, aluno do DAD e de psicologia, era com grande prazer que eu lá ficava sentada... até o dia em que, antes de entrar em cena, ao descer no escuro as escadas do DAD, tropecei e rompi os ligamentos do tornozelo. Com meu acidente, decidimos interromper a temporada, não porque minha presença fosse tão indispensável, mas porque, na ausência do diretor (que havia viajado), o elenco vivia em uma crise de relacionamento muito grande. Sob a direção de Breno Ruschel eu voltaria à cena do teatrinho do DAD alguns meses depois, em uma montagem melodramática de *As Almas Pertencem a Deus* de Aldeny Fay. Jamais esquecerei de mim morrendo tuberculosa e lançando apelos amorosos a Carlos, interpretado pelo inesquecível Salimen Junior. Mas o pior de tudo não era morrer tuberculosa, mas passar longo tempo morta, deitada sobre uma porta que servia de ataúde. Sim, porque já desde aquela época vivíamos a estética do "teatro pobre" (a não confundir com as idéias de Grotowski!).

Na qualidade de aluna de Direção Teatral, não posso esquecer quanto generosos foram alguns colegas em me oferecer graciosamente o tempo de suas vidas e valiosos trabalhos de ator. Foi contando então com a colaboração de Salimen Junior e Sérgio Mantovani que coloquei no palco o texto *O Homem da Flor na Boca* de Luigi Pirandello e, com Cláudia Accurso, Lúcia Serpa e Paulo Vicente, *As Criadas* de Jean Genet. Duas montagens que tiveram a orientação cuidadosa de Luiz Paulo Vasconcellos a quem aprendi a respeitar como professor pelos ensinamentos e reservar uma amizade pela confiança sempre depositada em meu trabalho. Um trágico *black-out* abreviou a vida de nosso iluminador-mor, Hermes Mancilha, que mais do que bolsista de iluminação representava para todos nós um grande parceiro nas encenações. Sua habitual irritação de início logo se substituía por um gesto de amizade, diante de meus insistentes apelos por um foco mais e mais fechado, impossível mesmo de se obter no palquinho do DAD. Mas lá ia ele, atrás de um papelão, recortar um pequeno orifício para criar uma máscara e, assim, satisfazer meu desejo de aprendiz de diretora. Enfim, foi então durante minha trajetória de aluna-diretora do DAD que descobri o que mais me fascina no teatro, o processo criador do ator. Deste interesse, vim fazer um projeto de pesquisa que me levou, a exemplo de meus professores, a aprofundar meu conhecimento teatral nas terras distantes de Molière.

Finalmente, confesso que experimento uma dose de perplexidade quando assisto hoje nossos alunos em toga formarem-se sobre o palco da Reitoria. Isto porque, para minha geração, formatura era uma coisa abominável. Em razão de uma greve de mais de noventa dias, me formei em 6 de março de 1985, dividindo a honra com uma única colega. No gabinete da então diretora do Instituto de Artes, Professora Di Pancaro, sem contar com a presença de nenhum de nossos familiares, Denize Barella leu "teatralmente" o juramento profissional, nos permitindo ascender assim ao grau acadêmico de Bacharel. Enfim chegara o momento de deixar o DAD, mas dentro de mim nascia já a vontade de retornar.... ■

CENTRO DE ARTE DRAMÁTICA

COORDENADORES:
 Diretor de Teatro
 Professor de Teatro
 Formação de Ator
 Cultura Teatral

PUBLICAÇÕES:

Coleção TEXTOS

A ponte, de Waldir Ruzicki
 A intrusa, de Maurice Maeterlinck (tradução de
 Guilherme Cesar)
 Para Cervantes, 4 comédias curtas, traduzidas e
 apresentadas por Paulo Hecker F.

Coleção ENSAIOS

O Espectador apaixonado, de Ruggero Jacobbi
 Temas da História do Teatro, Sabato Magaldi
 O sentido e a máscara, de Edward Albert Bornheim
 O Cinquentenário de fundação do "Teatro Colômbio", de G. Raeders

Coleção CONFERÊNCIAS

O teatro de Ugo Betti, e
 O teatro de Sêneca, de
 Lope de Vega, de Ivan I.

ULTIMAS APRESENTAÇÕES:

"Um pedido de casar
 de Cláudio Heem

"O aniversário do b
 Claudio Heema

"Aululária" — Plai

"O macaco da ví
 de Nair M. F

"Teatro: varia
 alunos do C

"Dona Rosita
 de Mari

"Homem:
 alunos

Arthu

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
 FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
 CENTRO DE ARTE DRAMÁTICA
 em convênio com o INSTITUTO
 BRASILEIRO-ALEMÃO**

A ÓPERA DOS TRÊS

| | |
|--------------------------|--|
| Cantor de rua | Luiz Arthur N |
| Sr. Peachum | Maurício Hers |
| Filch | José Carlos H |
| Sra. Peachum | Suzana Outeir |
| Mathias | Luiz Francisco |
| Polly | Maria Luiza J |
| Mac Navalha | Carlos Carval |
| Jacob Mão de Gancho | Gilberto Mõna |
| Roberto Serrote | Fernando Bon |
| Ede | Arienes Ibias |
| Walter Chorão | Carlos Queiroz |
| Pastor Kimball | Adriano Miguel |
| Blown, o Tigre | Roberto Ruas |
| Jenny Espclunca | Cecilia Nisemblat |
| Um homem | Adriano Miguel |
| Betty | Suzana de Barros |
| Dolly | Haydée Porto da Silva |
| Vixen | Beth Zambrano |
| Velha | Graça Nunes |
| Sargento Smith | Ivens Godinho |
| Lucy | Nara Keiserman ou Valquíria Peña |
| Mendigos | Irene Brietzke, Ilona Christensen, Arienes Ibias, Fernando Bonow, Carlos Queiroz, Graça Nunes, Hay- dée Pôrto, Nara Keiserman |
| Policiais | Luiz Arthur Nunes e Fernando Bonow |
| Arauto | Irene Brietzke |
| Cenário e figurinos — | Luiz Roberto Damasceno |
| Pianista — | Léo Ferlauto |
| Técnica Vocal — | Charlotte Kahle |
| Contra-regra — | José Ronaldo Falleiro |
| Execução do figurino — | Clélia Fróes e Francisco Aron |
| Cenotécnica — | Ivo Piva |
| Publicidade — | José Ronaldo Falleiro |
| Assistentes da direção — | Luiz Arthur Nunes, Maria Helena Lopes e José Ronaldo Falleiro |
| Produção — supervisão | Lygia Vianna Barbosa |
| assistente | Luiz Francisco Fabretti |
| Direção de | LUIZ PAULO VASCONCELLOS (do Conservatório Nacional de Teatro) |



BRECHT

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

semana de artes cênicas

2 a 6 de junho/86



INSTITUTO DE ARTES

Apoio:

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SUBSECRETARIA DE CULTURA
DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

INSCRIÇÕES E PROGRAMA:
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
Av. Paulo Gama, 110 5º andar
De 22 a 30 de Maio de 1986